

**Apologética Cristã: C.S. Lewis**  
**L W Bilkes**

Sem dúvida, nenhum autor cristão do século XX tem sido mais amplamente lido sobre o assunto de apologética do que C. S. Lewis. Títulos como *Cartas de um Diabo ao seu Aprendiz*, *Cristianismo Puro e Simples*, *As Crônicas de Nárnia*, *O Grande Abismo* são amplamente lidos e celebrados. Essa é, certamente, uma verdade nos amplos círculos evangélicos, mas tem sido cada vez mais verdade nos círculos reformados, inclusive no nosso. Muitos jovens acham a escrita de Lewis tão clara e convincente que facilmente estimam-no mais do que a teólogos e escritores mais próximos da tradição reformada. De fato, há muito de atraente em seu trabalho. Mais significativamente, ele parece ser uma respeitável voz contra a racionalista e naturalista maré do modernismo, encontrada vigorosamente pelos jovens nos Colégios, Faculdades e Universidades. Lewis oferece uma alternativa convincente para o desenfreado ceticismo e niilismo da nossa era. Dificilmente os jovens encontrarão uma tão lúcida posição entre os teólogos reformadores, pelo menos que tenha a mesma respeitabilidade nos círculos acadêmicos.

Inicialmente, deve ser dito – tristemente – que Lewis é inconsistente acerca das doutrinas da graça. J. I. Packer observa a ironia em que Lewis se tornou o herói dos evangélicos modernos, enquanto o próprio Lewis não foi (estritamente falando) um deles. Packer aponta que a sua doutrina da expiação é concebida como uma simples “penitência arquetípica”, ao invés de uma “substituição penal”. Ele nunca defendeu a doutrina justificação pela fé; estava confortável com a regeneração batismal; e tinha uma visão severamente comprometida de inspiração bíblica. Ele ainda afirmou a doutrina do purgatório e manteve aberta a possibilidade de, no fim de todas as coisas, haver salvação para os incrédulos. Essas questões levaram o falecido Martyn Lloyd-Jones a duvidar de se Lewis era verdadeiramente um cristão. Na verdade, essas questões são tão significativas que se pode perguntar se Lewis tem algum valor para a Igreja Reformada. No entanto, existem verdades cristãs que compartilhamos com Lewis, como fazemos com teólogos como Tomás de Aquino, com quem também diferimos em questões como a salvação e os sacramentos. Homens como Lewis e Aquino podem contribuir para a nossa compreensão sobre teologia e cristologia, por exemplo.

A área da apologética é potencialmente uma dessas áreas. Ainda enquanto ateu declarado, Lewis experimentou um desencanto gradual com o modernismo e abraçou a fé cristã. Ele dedicou seu talento e energia em livros como *O Regresso do Peregrino* (1933). Esse pequeno volume abriu um fluxo de livros de trinta anos sobre apologética e discipulado cristãos. Entre 1933 e sua morte, em 1963, C. S. Lewis procurou conduzir ateus e agnósticos em direção à fé, e encorajar e nutrir os crentes, e ser conhecido como um “evangelista literário”. Mais tarde, ele admitiu: “*A maioria dos meus livros são evangelísticos*”. Em 1952, ele escreveu: “*Desde que eu me tornei um cristão, pensei que talvez o único serviço que eu pudesse fazer para os meus vizinhos não crentes era explicar e defender a crença que sempre foi comum a quase todos os cristãos*”.

Observe as seguintes características da apologética de Lewis:

1. Lewis procurou despojar a incredulidade de seu suposto prestígio. O próprio Lewis chegou ao cristianismo por uma séria investigação da verdade. A premissa do Problema da Dor, dos Milagres e do Cristianismo Simples é que a razão, devidamente empregada em uma investigação aberta de fatos sem o impedimento de suposições anteriores, deve levar à conclusão de que Deus existe. No entanto, Lewis toca outra música. Na verdade, ele consente com a possibilidade de que alguém possa rejeitar o cristianismo, depois de uma

livre investigação. Sócrates, por exemplo, nunca se tornou um cristão. É precisamente nesse ponto que algumas das suas tendências universalistas se destacam. Em seu livro *God in the Dock*, Lewis afirmou que “*a rejeição honesta de Cristo, por mais equivocada que seja, será perdoada e curada*” (p. 171). Claramente, ele aqui é aqui conduzido por uma revelação especial, completamente fora de contexto (bíblico). A Escritura nos diz que o homem natural não compreende as coisas de Deus (1 Coríntios 2.14). Por outro lado, porém, Lewis afirmou que ele tem uma série de razões objetivas para a crença em Deus, que não podem ser ignoradas. Ele combatia fortemente a ampla ideia de que a fé cristã era intelectualmente inferior ou cientificamente absurda. Os argumentos para a existência de Deus ocasionaram um grande debate ao longo da história. Eu acredito que podemos dizer, com segurança, o seguinte: o mundo simplesmente não pode ser explicado sem Deus.

Lewis argumenta: o fato de que o mundo é compreensível para nossa mente implica que ele não pode ser produto de acasos ou evolução. Nesse caso, teríamos que dizer que comecei a pensar do jeito que penso, puramente porque minhas células cerebrais começaram a funcionar de certa maneira. Então não sei se é verdade o que penso. No entanto, eu sei, argumenta Lewis, se minha mente (como também o mundo) foi criada por um Deus, que é a Razão mais elevada. Lewis usa um raciocínio semelhante em relação ao nosso sentido do bem e do mal. Se fossem produto de acaso e/ou evolução, bem e mal seriam irrelevantes e não existiriam normas e valores que são comumente válidos.

2. Lewis desejou descobrir os problemas em sua essência. Isso é claramente ilustrado pelo modo como ele defende a divindade de Jesus Cristo. Ele coloca o leitor dos evangelhos no seguinte dilema: desde que Cristo se considera como o Messias, como o Filho de Deus, existem apenas duas possibilidades: ou ele está certo, e então devemos vê-Lo como o Filho de Deus; ou ele é um “megalomaniaco”, o que seria impossível para nós considerá-lo como um grande mestre moral ou um exemplo de alto padrão a ser seguido. Assim, pois, Cristo estava muito enganado ou – pior ainda – ele nos enganou. Em outros lugares, ele escreve o seguinte: “*O cristianismo, se falso, não tem importância e, se verdadeiro, importância infinita. A única coisa que não pode ser é de importância moderada*”. Claramente, o argumento de Lewis não prova nada, mas ressalta nitidamente como é absurdo ignorar o Cristo da Escritura. Aqui, ele exemplifica o porquê da Escritura chamar o ateu de néscio (Sl 14.1).

3. Lewis sublinha magistralmente o grande uso da fé. Em 1 Coríntios 15, Paulo argumenta a vantagem da crença na ressurreição, decorrente da veracidade dela. A verdade é útil. Pode-se fazer caso disso sem cair num utilitarismo pragmático, onde a verdade é julgada pelo uso que possui. Em vez disso, pode-se simplesmente dizer que Lewis mostra como a verdade tem um desdobramento prático. Originalmente, nós fomos criados para crer. Agora que estamos caídos e não cremos, estamos inquietos e somos inúteis, para dizer o mínimo. Pela fé, tornamo-nos, em princípio, úteis, e tudo ao nosso redor passa a ter um uso adequado novamente. Pense em Onésimo, de quem Paulo escreve que “*Ele, antes, te foi inútil; atualmente, porém, é útil, a ti e a mim*” (Filemom 1.11).

Em conclusão, portanto, a apologética de Lewis teve como objetivo privar a incredulidade do seu prestígio, descobrir as questões em sua essência, e mostrar a grande utilidade da fé. Embora certamente se possa dizer mais sobre apologética, também podemos aprender pelo menos esse tanto da abordagem da apologética de Lewis.

Dr. Lawrence W. Bilkes é ministro da Palavra e dos Sacramentos das Igrejas Reformadas Livres da América do Norte.

---

Artigo publicado originalmente na Revista Diakonia (Canadá), 2002.

Tradução: Beatriz Sales.

Revisor: Dr. Gerson Júnior.

O website [revistadiakonia.org](http://revistadiakonia.org) é uma iniciativa do [Instituto João Calvino](http://www.institutojoaocalvino.org).

**Licença Creative Commons:** Atribuição-SemDerivações-SemDerivados (CC BY-NC-ND). Você pode baixar e compartilhar este artigo desde que atribua o crédito à Revista Diakonia e ao seu autor, mas não pode alterar de nenhuma forma o conteúdo nem utilizá-lo para fins comerciais.